

Interpretação de Texto

Leia os textos a seguir e utilize-os para a solução das questões propostas.

TEXTO I

Poesia expressa na era da pressa

Se quase não temos mais tempo para ler romances no mundo da pressa, da TV, do cinema e dos videogames, então é tempo de ler poesia? Viveríamos hoje a vingança da poesia, o seu dia D, o momento propício para seu retorno a um mundo tão violentamente prosaico? A questão foi lançada pela ensaísta americana Camille Paglia, numa animada entrevista publicada pelo caderno Mais!, da *Folha de São Paulo*, e a revista *Cláudia* me repassa inesperadamente a bola, perguntando: a poesia ganha uma importância nova na era da internet? Ela tem mais chance num mundo como o nosso? De fato, de um ponto de vista puramente quantitativo, como diz Camille, um romance consome dias ou semanas de nosso tempo, exigindo uma atenção continuada, num mundo em que tudo em volta faz com que nossa atenção se interrompa e se disperse em mil assuntos. Já um poema pode ser lido em minutos, às vezes em segundos. O poema é uma autêntica pílula literária, em cuja concentração Camille Paglia vê a possibilidade de uma revitalização da literatura em nosso tempo.

Considero que exaltar a poesia é sempre bom, assim como apostar na força dela: por que não? E o que a ensaísta americana está fazendo é, de fato, mais uma aposta muito afirmativa no poder da poesia do que um raciocínio automático e simplório que dissesse: como não temos tempo para ler romances, leremos poemas!

A questão que ela está colocando, na verdade, é: precisamos aprender – ou reaprender – hoje a ler poesia. Lembremos que no Brasil a questão é ainda mais embaixo, porque lemos muito pouco, pouquíssimo, seja poesia, seja prosa, e precisamos, portanto, aprender a ler, no sentido mais amplo da palavra. Mas, dito isso, vamos voltar ao começo e retomar a pergunta: de quanto tempo precisamos, de fato, para ler um poema? Quanto tempo ele nos pede?

Aqui a resposta tem que ser parecida à daquele pintor que, perguntado sobre quanto tempo levava para pintar um determinado quadro, respondeu, cheio de razão: a vida inteira. Não nos enganemos, portanto, sobre a rapidez da poesia: um poema pede que a gente dê a ele a nossa vida inteira naquele instante. Em outras palavras, um poema exige pouco do nosso tempo horizontal, cronológico e linear. Ele exige tudo do nosso tempo vertical, aquele que vai bater lá no sem fundo da lembrança, na aura sutil dos afetos, na dor e no espanto de existir, e na descoberta de que as palavras, que nos parecem naturais, não param de dançar um jogo infinito. O poema exige um tempo intenso, em outra dimensão – por isso ele não é óbvio nem fácil, embora se entregue com súbita facilidade a quem se entrega a ele e o descobre de repente.

Carlos Drummond de Andrade, o nosso poeta maior, declarou certa vez, citando Rainer Maria Rilke (poeta austríaco) que “para escrever um só verso é preciso ter visto muitas cidades, homens e coisas, conhecer os animais, sentir como voam os pássaros e saber que movimento fazem as flores ao se abrirem pela manhã; é preciso ter a lembrança de mulheres sofrendo na hora do parto, de pessoas morrendo, de crianças doentes, de diferentes noites de amor; e depois é preciso esquecer tudo isso, esperar que tudo isso se incorpore ao nosso sangue, ao nosso olhar; que tudo isso fique fazendo parte de nós”.

50 Isso que a poesia pede ao poeta, nas palavras de Drummond, pede também da sensibilidade do leitor, a seu modo, no momento da leitura. Fernando Pessoa diz que para se entenderem os símbolos poéticos são necessárias, antes de mais nada, a intuição e a simpatia do leitor: é preciso que o leitor vibre junto com o poema, dê força ao poema, seja cúmplice do poema e adivinhe o poema. O poema é uma avenca, uma planta sensitiva, que definha com um olhar torto. Mas também é uma fênix exuberante, que renasce quando irrigada. Porque bebe daquilo que o leitor lhe oferece em nudez interior, em despojamento de tudo que é o já sabido, em desprendimento de conceitos e preconceitos.

60
Penso, por exemplo, num poema tão simples, de Manuel Bandeira, como *A onda*:

65 “A onda anda
aonde
anda a onda?
A onda ainda
ainda onda
ainda anda
aonde?
70 aonde?
a onda
a onda.”

Um leitor prosaico e ressecado, incapaz de lembrar que ele mesmo é um organismo todo feito de ondas – de ar, de fluidos, de energia, de desejos, de impulsos da alma – dirá: mas que tremenda falta de assunto! Ele não terá na verdade tempo algum de disponibilidade para essas poucas e iluminadas palavras. Como diria Fernando Pessoa, o poema está morto para ele, e ele, morto para o poema.

Mas o leitor poético que há em nós, e mesmo que sem qualquer pretensão intelectual, reconhecerá de imediato as ondas do mar dançando na música das palavras. Tomado de simpatia, e intuindo que aquela vibração não lhe é estranha, embarca na onda e no jogo. E, consciente disso ou não, sente que a onda anda numa pergunta em círculo, procurando um lugar que não é nenhum lugar senão a própria onda. Que não há repouso senão no movimento. Que a vida só se apóia no seu moto-perpétuo, perguntando-se sobre seu destino e tendo como resposta a si mesma.

Em suma, a poesia, pela sua brevidade, pela sua rapidez, pela sua leveza, parece participar daquele ritmo que Ítalo Calvino (escritor italiano) queria para o presente milênio. Ao mesmo tempo, ela continua sendo a estranha e mais que nunca a excluída desse mundo onde a publicidade ocupou todos os espaços para dizer que a posse das mercadorias permanentemente descartadas e o *status* conferido ao possuidor são a solução da existência. Nesse sentido, a vontade de afirmar a poesia, como faz Camille Paglia, não deixa de atritar, cheia de energia, com o mundo que banuiu dele a poesia, na prática e não há pouco tempo. No seu primeiro livro, *Alguma Poesia*, em 1930, Drummond já dizia: “Impossível escrever um poema a essa altura da evolução da humanidade”. Mas terminava o mesmo poema dizendo: “Desconfio que escrevi um poema”.

WISNIK, José Miguel. *A poesia expressa na era da pressa*. São Paulo: Revista Cláudia. Ed Abril, julho 2005. (adaptado)

TEXTO II

Para fazer um soneto

Tome um pouco de azul, se a tarde é clara,
e espere pelo instante ocasional.
Neste curto intervalo Deus prepara
e lhe oferta a palavra inicial.

Aí, adote uma atitude avara:
se você preferir a cor local,
não use mais que o sol de sua cara
e um pedaço de fundo de quintal.

Se não, procure a cinza e essa vagueza
das lembranças da infância, e não se apresse,
antes, deixe levá-lo a correnteza.

Mas ao chegar ao ponto em que se tece
Dentro da escuridão a vã certeza,
Ponha tudo de lado e então comece.

Carlos Pena Filho

TEXTO III

O sobrevivente

Impossível compor um poema a essa altura da evolução da humanidade.
Impossível escrever um poema – uma linha que seja – de verdadeira poesia.
O último trovador morreu em 1914.
Tinha um nome de que ninguém se lembra mais.

Há máquinas terrivelmente complicadas para as necessidades mais simples.
Se quer fumar um charuto aperte um botão.
Paletós abotoam-se por eletricidade.
Amor se faz pelo sem-fio.
Não precisa estômago para digestão.

Um sábio declarou a O Jornal que ainda falta
muito para atingirmos um nível razoável de
cultura. Mas até lá, felizmente, estarei morto.

Os homens não melhoram
e matam-se como percevejos.
Os percevejos heróicos renascem.
Inabitável, o mundo é cada vez mais habitado.
E se os olhos reaprendessem a chorar seria um segundo dilúvio.

(Desconfio que escrevi um poema.)

Carlos Drummond de Andrade
(SECCHIN, Antônio Carlos. *Antologia temática da poesia brasileira*.
Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ, 2004.)

EXERCÍCIOS NÍVEL 1

01 (IME) Assinale a oração que melhor substitui a que se segue:

“Viveríamos hoje a vingança da poesia, o seu dia D, o momento propício para seu retorno a um mundo tão violentamente prosaico?” (texto I, linhas 3 a 4)

- (A) Seríamos testemunhas, hoje, do renascimento do hábito de ler poemas, embora convivamos em uma época extremamente vulgar?
- (B) Conquistaríamos, atualmente, tempo para ler poesia, ignoraríamos os demais meios de diversão de um mundo excessivamente violento?
- (C) Conviveríamos, em nossos dias, com a vingança dos leitores de poesia em ocasião favorável para suas consolidações, em um mundo prolífero de prosaísmos?
- (D) Assistiríamos, diariamente, à fama inesperada da poesia, propícia em um mundo fanático por textos em prosa?

02 (IME) Assinale a opção que **não** corresponde às ideias veiculadas no texto I.

- (A) A poesia é capaz de revitalizar a literatura, mesmo em um mundo apressado.
- (B) Qualquer poema pode ser compreendido em minutos, ou até em segundos.
- (C) Em um poema cabe a vida inteira de um poeta.
- (D) O poema escrito revive, a cada leitura, diante da cumplicidade do leitor.

03 (IME) Wisnik compara os tempos humanos ao conceito de linha horizontal e vertical, utilizado na geometria espacial. Segundo ele:

- (A) horizontal é o tempo cronológico, e vertical, o tempo da intensidade.
- (B) horizontal é o tempo passado; vertical, o presente e o futuro.
- (C) horizontal é o tempo presente, e vertical, o tempo passado.
- (D) horizontal é a intensidade na utilização do tempo; vertical, o tempo das lembranças.

04 (IME) O pronome demonstrativo grifado na oração “**Isso** que a poesia pede ao poeta” (texto I, linha 50) refere-se às:

- (A) palavras de Fernando Pessoa.
- (B) palavras de intuição e simpatia do editor.
- (C) palavras de Rainer Maria Rilke.
- (D) citações do próprio José Miguel Wisnik.

05 (IME) A figura de linguagem presente em “as palavras... não param de dançar...” (texto I, linhas 37 e 38) também aparece em:

- (A) “O poema é uma autêntica pílula literária...” (texto I, linha 14)
- (B) “A onda anda...” (texto I, linha 63)
- (C) “... não há repouso senão no movimento”. (texto I, linha 85)
- (D) “Desconfio que escrevi um poema”. (texto I, linha 99)

06 (IME) Entre a sugestão de leitura de poesia (texto I) e sua escritura (texto III), Drummond sinaliza, em *O sobrevivente*, que:

- (A) por viver em um mundo “inabitável” (texto III, 4ª estrofe), o homem está cada vez mais sensível.
- (B) o mundo está complicado demais para abrir espaço para a simplicidade da poesia.
- (C) a poesia é capaz de devolver a sensibilidade ao homem.
- (D) apesar de toda a tecnologia, ainda há espaço para a poesia no mundo.

07 (IME) O vocábulo **Aí** (texto II, 2ª estrofe) poderá ser substituído, sem perda de seu valor semântico, por:

- (A) neste lugar.
- (B) então.
- (C) como consequência.
- (D) “Ponha tudo de lado”. (texto II, 4ª estrofe)

08 (IME) A última estrofe do texto II sugere que a matéria do poema é a:

- (A) certeza.
- (B) dúvida.
- (C) infância.
- (D) vida.

Texto para as questões de 09 a 13.

Texto IV

Mar

A primeira vez que vi o mar eu não estava sozinho. Estava no meio de um bando enorme de meninos. Nós tínhamos viajado para ver o mar. No meio de nós havia apenas um menino que já o tinha visto. Ele nos contava que havia três espécies de mar: o mar mesmo, a maré, que é menor que o mar, e a marola, que é menor que a maré. Logo a gente fazia ideia de um lago enorme e duas lagoas. Mas o menino explicava que não. O mar entrava pela maré e a maré entrava pela marola. A marola vinha e voltava. A maré enchia e vazava. O mar às vezes tinha espuma e às vezes não tinha. Isso perturbava ainda mais a imagem. Três lagoas mexendo, esvaziando e enchendo, com uns rios no meio, às vezes uma porção de espumas, tudo isso muito salgado, azul, com ventos.

Fomos ver o mar. Era de manhã, fazia sol. De repente houve um grito: o mar! Era qualquer coisa de largo, de inesperado. Estava bem verde perto da terra, e mais longe estava azul. Nós todos gritamos, numa gritaria infernal, e saímos correndo para o lado do mar. As ondas batiam nas pedras e jogavam espuma que brilhava ao sol. Ondas grandes, cheias, que explodiam com barulho. Ficamos ali parados, com a respiração apressada, vendo o mar...

Depois o mar entrou na minha infância e tomou conta de uma adolescência toda, com seu cheiro bom, os seus ventos, suas chuvas, seus peixes, seu barulho, sua grande e espantosa beleza. Um menino de calças curtas, pernas queimadas pelo sol, cabelos cheios de sal, chapéu de palha. Um menino que pescava e passava horas dentro da canoa, longe da terra, atrás de uma bobagem qualquer – como aquela caravela de franjas azuis que boiava e afundava e que, afinal, queimou sua mão... Um rapaz de 14 ou 15 anos que nas noites de lua cheia, quando a maré baixa e descobre tudo e a praia é imensa, ia na praia sentar numa canoa, entrar

numa roda, amar perdidamente, eternamente, alguém que passava pelo areal branco e dava boa-noite... Que andava longas horas pela praia infinita para catar conchas e búzios crespos e conversava com os pescadores que consertavam as redes. Um menino que levava na canoa um pedaço de pão e um livro, e voltava sem estudar nada, com vontade de dizer uma porção de coisas que não sabia dizer – que ainda não sabe dizer.

Mar maior que a terra, mar do primeiro amor, mar da primeira viagem, mar da gritaria dos meninos, mar dos pobres pescadores maritimbas, mar das cantigas de catambá, mar das festas, mar terrível daquela morte que nos assustou, mar das tempestades de repente, mar do alto e mar da praia, mar da pedra e mar do mangue... A primeira vez que saí sozinho numa canoa parecia ter montado num cavalo bravo e bom, senti força e perigo, senti orgulho de embicar numa onda um segundo antes da arrebentação. A primeira vez que estive quase morrendo afogado, quando a água batia na minha cara e a corrente do “arrieiro” me puxava para fora, não gritei nem fiz gestos de socorro; lutei sozinho, cresci dentro de mim mesmo. Mar suave e oleoso, lambendo o batelão. Mar dos peixes estranhos, mar virando a canoa, mar das pescarias noturnas de camarão para isca. Mar diário e enorme, ocupando toda a vida, uma vida de bamboleio de canoa, de paciência, de força, de sacrifício sem finalidade, de perigo sem sentido, de lirismo, de energia; grande e perigoso mar fabricando um homem...

(Rubem Braga)

VOCABULÁRIO:

caravela: animal de cerca de 20 cm, que vive nos mares quentes.

maritimbas: caipiras.

cantigas do catambá: cantigas de bailado popular.

arrieiro: homem que guia animais de carga; no texto, é a corrente de água marítima que levaria o menino para a praia.

batelão: embarcação grande e pesada, de madeira ou ferro.

09 (EN) No primeiro parágrafo, o que contribuiu para perturbar a imagem que os meninos faziam do mar?

10 (EN) “Mar diário e enorme, ocupando toda a vida, uma vida de bamboleio de canoa, de paciência, de força, de sacrifício sem finalidade, de perigo sem sentido, de lirismo, de energia; grande e perigoso mar fabricando um homem...” (4º §)

O trecho oferece uma visão importante da relação estabelecida entre o mar e a vida do personagem. Por que o mar ganha tal importância?

11 (EN) O mar assume tal dimensão para o narrador que ele passa a vê-lo de forma humanizada. Releia os três últimos períodos do quarto parágrafo e retire dois exemplos que comprovem essa afirmativa.

12 (EN) Destaque do texto os trechos em que o personagem-narrador deixa claro os sentimentos experimentados na primeira vez em que:

- a. saiu sozinho, em uma canoa, mar afora.
- b. esteve quase morrendo afogado.

13 (EN) Qual a razão de o personagem-narrador ressaltar: “... cresci dentro de mim mesmo”? (4º §)

Interpretação de Texto

As questões de 01 a 15 referem-se aos dois textos seguintes.

TEXTO I

O ritual brasileiro do trote

Estamos na época dos trotes em calouros de universidade, um ritual coletivo tão brasileiro quanto o Carnaval e a carnavalização da Justiça nas CPLs.

5 O trote é medieval como a universidade e quase deixou de existir em lugar civilizado. No Brasil, é um meio de reafirmar, na passagem para a vida adulta, que o jovem estudante pertence mesmo a uma sociedade autoritária, violenta e de privilégio.

10 Submissão e humilhação são a essência do rito, mas expressivas mesmo são suas formas: o calouro é muita vez obrigado a assumir o papel de pobre brasileiro. A humilhação também faz parte da iniciação universitária americana, embora nesse caso o rito marque a entrada na irmandade, sinal de exclusivismo e vivência de segredos de uma elite que se ressentia da falta de aristocracia e de mistérios em sua sociedade ideologicamente igualitária e laica.

15 De início, como em muito ritual, o jovem é descaracterizado e marcado fisicamente. É sujo de tinta, de lama, até de porcarias excrementícias; raspam sua cabeça. Ao mesmo tempo que apaga simbolicamente sua identidade, a pichação do calouro lhe confere a marca do privilegiado universitário (são poucos e têm cadeia especial!).
20 Pais e estudantes se orgulham da marca suja e da violência.

Na mímica da humilhação dos servos, o jovem é colocado em fila, amarrado ou de mãos dadas, e conduzido pelas ruas, como se fazia com escravos, como a polícia faz com favelados. É jogado em fontes imundas, como garotos de rua. Deve esmolar para seu veterano-cafetão. Na aula-trote, o veterano vinga-se do professor autoritário ao encenar sua raiva e descarregá-la no calouro, com o que a estupidez se reproduz.

30 Como universidade até outro dia era privilégio oligárquico, o trote nasceu na oligarquia, imitada pelos arrivistas. Da oligarquia veio ainda o ritual universitário do assalto a restaurantes ("pindura"), rito de iniciação pelo qual certa elite indica que se exclui da ordem legal dos comuns.

De vez em quando, ferem, aleijam ou matam um garoto na cretinice do trote. Ninguém é punido. Os oligarcas velhos relevam: 'acidente'. Não, não: é tudo de propósito.

FREIRE, Vinicius Torres. In: *Folha de S. Paulo*, 13 fev. 2006.

Vocabulário:

arrivista: pessoa inescrupulosa, que quer vencer na vida a todo custo.

TEXTO II

Vagabundagem universitária começa no trote

5 Todo começo de ano é a mesma cena: calouros de universidades, as cabeças raspadas e as caras pintadas, incitados ou obrigados por veteranos, ocupam os sinais de trânsito pedindo dinheiro aos motoristas. É uma das formas do chamado 'trote', o mais artificial dos ritos de iniciação da mais artificial das instituições contemporâneas – a universidade.

O trote nada mais é do que o retrato da alienação em que vivem esses adolescentes das classes favorecidas. Com tempo de sobra, eles não têm em que empregar tanta liberdade.

10 Ou querem dizer que essas simples caras pintadas têm qualquer simbologia semelhante à das máscaras de dança das tribos primitivas estudadas por Lévi-Strauss? Para aquelas tribos índias, as máscaras eram o atestado da onipresença do sobrenatural e da pujança dos mitos. Mas esses adolescentes urbanos não têm tanta complexidade. Movido a 15 MTV e *shopping centers*, o espírito deles vive nas trevas. A ausência de conhecimento e saber limita-lhes os desejos e as atitudes.

Em tempos mais admiráveis, ou em sociedades mais ideais, essa massa de vagabundos estaria ajudando a cortar cana nos campos, envolvidos com a reforma agrária, em programas de assistência social 20 nas favelas ou com crianças de rua, ou mesmo explorando os sertões e florestas do país, como faziam os estudantes do extinto projeto Rondon.

Hoje, mais do que nunca, há uma tendência – característica da mentalidade das elites da economia capitalista – de adulação da adolescência, de excessivo prolongamento da mesma e da excessiva 25 indulgência para com esse período tido como 'de intensos processos conflituosos e persistentes esforços de autoafirmação'.

Desde adolescente, sempre olhei com desprezo esse tratamento que se pretende dar à adolescência (ou pelo menos a certa camada social adolescente): um cuidado especial, semelhante ao que se dá às 30 mulheres grávidas. Pois é exatamente esse pisar em ovos da sociedade que acaba por transformar a adolescência num grande vazio, numa gravidez do nada, numa angustiante fase de absorção dos valores sociais e de integração social.

Se os adolescentes se ocupassem mais, sofreriam menos – ou 35 pelo menos amadureceriam de verdade, solidários, ocupados com o sofrimento real dos outros.

Mas não, ficam vagabundando pelos semáforos das cidades, catando moedas para festas e outras leviandades. E o que é pior, sentindo-se deuses por terem conseguido decorar um punhado de 40 fórmulas e datas e resumos de livros que os fizeram passar no teste para entrar na universidade.

A mim – que trabalhava e estudava ao mesmo tempo desde os 15 anos – causava alarme o espírito de vagabundagem que, cultuado na adolescência, vi prolongar-se na realidade alienada de uma universidade 45 pública.

Na Universidade de São Paulo, onde estudei, os filhos dos ricos ainda passam anos na hibernação adolescente sustentada pelo dinheiro público.

FALINTO, Marilene. *Folha de S. Paulo*. 25 fev. 1997.

EXERCÍCIOS NÍVEL 1

01 (ITA) O ritual humilhante do trote é considerado pelo autor do texto I como:

- (A) tentativa de imitação de sociedade ideologicamente exclusivista e aristocrática, excessivamente indulgente para com o período da adolescência.
- (B) concretização da pobreza em que vive o espírito dos adolescentes movido pela mentalidade das elites capitalistas.
- (C) carnavalização da justiça, uma vez que os calouros assumem o papel de pobres, em uma imitação da realidade dos que, raramente, chegam à universidade.

- (D) privilégio da elite, como a indicar uma marca de poucos – especiais – que passaram no teste para entrar na universidade.
 (E) retrato da passagem da adolescência para a vida adulta, ainda que o amadurecimento não ocorra efetivamente.

02 (ITA) Na visão dos oligarcas (texto I, linhas 27-30), o objetivo da 'pindura' é:

- (A) diversão. (D) distinção.
 (B) confrontação. (E) autoafirmação.
 (C) agressão.

03 (ITA) No texto I, linha 19, pode-se afirmar que o autor usa a expressão contida nos parênteses para:

- (A) acentuar a enorme diferença social que existe no Brasil entre os mais e os menos ricos.
 (B) provocar um efeito de ironia, uma vez que uma das marcas citadas não parece ser privilégio.
 (C) chamar a atenção para o que os pais desejam para os filhos quando se orgulham de suas marcas de universitários.
 (D) refletir sobre a legitimidade de um ritual que acentua o privilégio das oligarquias no Brasil.
 (E) expandir o significado do que é ser universitário no Brasil.

04 (ITA) No texto I, da frase "Não, não: é tudo de propósito.", é permitido inferir que, para o autor, o propósito do trote é:

- (A) marcar o privilégio das elites, mesmo que para isso seja preciso matar.
 (B) iniciar o jovem de classe privilegiada na vida universitária.
 (C) evidenciar a identidade das elites e da sociedade brasileira: autoritária, violenta e desigual.
 (D) ironizar práticas sociais exclusivistas de uma sociedade que se diz igualitária.
 (E) provocar acidentes para que os privilégios legais da elite sejam evidenciados.

05 (ITA) No texto II, segundo a autora, dois substantivos caracterizam a adolescência de classes favorecidas:

- (A) liberdade e notabilidade. (D) liberdade e ociosidade.
 (B) liberdade e individualidade. (E) notabilidade e ociosidade.
 (C) individualidade e ociosidade.

06 (ITA) Os trechos abaixo foram extraídos dos textos I e II. Assinale a opção em que há uma definição para a palavra em destaque:

- (A) O **trote** é medieval como a universidade e quase deixou de existir em lugar civilizado. (texto I, linhas 4-5)
 (B) Submissão e humilhação são a essência do rito, mas **expressivas** mesmo são suas formas [...] (texto I, linhas 8-9)
 (C) [...] o **jovem** é descaracterizado e marcado fisicamente. (texto I, linhas 15-16)
 (D) O **trote** nada mais é do que o retrato da alienação em que vivem esses adolescentes das classes favorecidas. (texto II, linhas 7-8)
 (E) [...] as **máscaras** eram o atestado da onipresença do sobrenatural e da pujança dos mitos. (texto II, linhas 12-13)

07 (ITA) O conteúdo que aparece entre parênteses no texto I, linha 19, e no texto II, linhas 28-29, funciona, respectivamente, como:

- (A) explicação; retificação. (D) ironia; explicação.
 (B) complementação; ironia. (E) complementação; notificação.
 (C) notificação; retificação.

08 (ITA) Ao tratar do trote nas universidades brasileiras, o autor do texto I se reporta à iniciação universitária americana e a autora do texto II, ao ritual das máscaras de dança das tribos primitivas. Essas relações funcionam em ambos os textos como:

- I. argumentos para as opiniões por eles defendidas em seus textos;
 II. depreciação do ritual do trote praticado pelos universitários brasileiros;
 III. distinção entre rituais de sociedades civilizadas e primitivas.

Então, está(ao) correta(s):

- (A) apenas I.
 (B) apenas II.
 (C) apenas I e II.
 (D) apenas II e III.
 (E) todas.

09 (ITA) A expressão "E o que é pior" (texto II, linha 38) compara, respectivamente, os seguintes atributos da adolescência:

- (A) insensatez e prepotência. (D) desocupação e prepotência.
 (B) indiferença e desocupação. (E) prepotência e indiferença.
 (C) alienação e insensatez.

10 (ITA) Leia os fragmentos dos textos I e II.

- I. [...] um ritual coletivo tão brasileiro [...] (texto I, linhas 1-2)
 II. De início, como em muito ritual, o jovem é descaracterizado e marcado fisicamente. (texto I, linhas 15-16)
 III. Se os adolescentes se ocupassem mais, sofreriam menos [...] (texto II, linha 34)
 IV. [...] terem conseguido decorar um punhado de fórmulas e datas e resumos de livros [...]. (texto II, linhas 39-40)

Há depreciação por parte dos autores em:

- (A) I e II. (D) II e III.
 (B) I, II e IV. (E) III e IV.
 (C) I e IV.

11 (ITA) A expressão "pisar em ovos" (texto II, linha 30) tem equivalência de sentido com o seguinte dito popular:

- (A) Seja lento na promessa e rápido no desempenho.
 (B) Os cães ladram e a caravana passa.
 (C) Pôr o carro à frente dos bois.
 (D) Antes de falar, conte até dez.
 (E) Devagar com o andor que o santo é de barro.

12 (ITA) Considerando que os sinais de pontuação podem servir como recursos argumentativos, assinale a opção **incorreta** em relação à pontuação nos textos I e II:

- (A) As aspas em 'pindura' no texto I, linha 29, indicam que tal palavra é gíria.
 (B) Os dois pontos no texto I, linha 9, e no texto II, linha 1, destacam as informações subsequentes.
 (C) O ponto de interrogação no texto II, linha 12, sinaliza uma preocupação da autora em relação à adolescência.
 (D) Os travessões no texto II, linhas 23 e 24, destacam as informações neles contidas.
 (E) As aspas no texto II, linhas 25 e 26, indicam ironia da autora a uma certa ideia sobre a adolescência.

EXERCÍCIOS NÍVEL 1

A inveja

Tomás de Aquino define a inveja como “a tristeza por não possuir o bem alheio”. Invejam-se a cor dos olhos, o tom da voz, a erudição, os títulos, a função, a riqueza ou as viagens de outrem. “Onde há inveja, não há amizade”, alertava Camões.

O invejoso é um derrotado. Perdeu para a sua autoestima. Lamenta, no íntimo, ser quem é e nutre a fantasia de que poderia ter sido outra pessoa. O inimigo do invejoso é ele próprio.

(...)

A inveja é a tristeza de ser o que se é. A advogada sonha que poderia ter sido atriz, o engenheiro imagina-se no lugar do empresário, o rapaz chora por não pilotar um carro de Fórmula 1. Mal sabem que o invejado também sofre de invejas, pois o desejo é insaciável. Centrado nos bens objetivos, escraviza o ser humano.

(...)

Só quem se gosta não tem inveja. É capaz, portanto, de reconhecer e aplaudir o sucesso alheio. Faz sua a alegria do outro.

Frei. BETTO, *O Estado de S. Paulo*, 1998.

01 (AFA) Considerando o Texto I, ordene corretamente as ideias do citado fragmento e, a seguir, assinale a alternativa correta:

- () O desejo escraviza o ser humano.
 () Pessoas com autoestima não têm inveja.
 () O invejoso é inimigo de si mesmo.
 () O invejoso deseja possuir o bem alheio.

- (A) 1 – 3 – 4 – 2.
 (B) 3 – 4 – 2 – 1.
 (C) 2 – 1 – 3 – 4.
 (D) 4 – 2 – 1 – 3.

02 (AFA) No Texto I aparecem as seguintes considerações para o termo inveja:

- I. “a tristeza de não possuir o bem alheio.”
 II. “Onde há inveja, não há amizade.”
 III. “A inveja é a tristeza de ser o que se é.”

Quanto a essas considerações, pode-se afirmar que a:

- (A) primeira e a segunda são excludentes.
 (B) primeira e a terceira são contrastantes.
 (C) segunda e a terceira são relacionáveis.
 (D) primeira e a segunda são complementares.

Texto II

Contente está quem assim se julga de si mesmo

A abastança e a indigência dependem da opinião de cada um; e a riqueza não mais do que a glória, do que a saúde têm tanto de beleza e de prazer quanto lhes atribui quem as possui. Cada qual está bem ou mal

conforme assim se achar. Contente está não quem assim julgamos, mas quem assim julga de si mesmo. E apenas com isso a crença assume essência e verdade.

Michel de Montaigne

03 (AFA) Da leitura do Texto II, pode-se depreender que:

- (A) a abastança e a indigência dependem da opinião dos demais.
 (B) riqueza, glória, saúde, beleza e prazer são medidos de acordo com os critérios de cada um.
 (C) está nas mãos do indivíduo o direito de conquistar situações favoráveis para si.
 (D) depende do ser humano encontrar alegria naquilo que é ou possui.

04 (AFA) O trecho abaixo foi reescrito de diversas maneiras. Assinale a opção em que essa reescritura mantém a mensagem original. “... a riqueza não mais do que a glória, do que a saúde têm tanto de beleza e de prazer quanto lhes atribui quem as possui.”

- (A) A riqueza menos do que a glória e a saúde têm a mesma beleza e prazer que lhes atribui quem as possui.
 (B) A glória tanto quanto a saúde e menos do que a riqueza detêm a beleza e o prazer que lhes são emprestados por seus possuidores.
 (C) Só quem possui a riqueza, a glória, a saúde, tanto quanto beleza e prazer é que sabe o valor que esses atributos possuem.
 (D) A beleza e o prazer conferidos pela riqueza tanto quanto pela glória e a saúde dependem de quem as possui.

Texto III

O desgaste da inveja

De todas as características que são vulgares na natureza humana a inveja é a mais desgraçada; o invejoso não só deseja provocar o infortúnio e o provoca sempre que o pode fazer impunemente, como também se torna infeliz por causa da sua inveja. Em vez de sentir prazer com o que possui, sofre com o que os outros têm. Se puder, priva os outros das suas vantagens, o que para ele é tão desejável como assegurar as mesmas vantagens para si próprio. Se uma tal paixão toma proporções desmedidas, torna-se fatal a todo o mérito e mesmo ao exercício do talento mais excepcional.

(...)

Afortunadamente, porém, há na natureza humana um sentimento compensador, chamado admiração. Todos os que desejam aumentar a felicidade humana devem procurar aumentar a admiração e diminuir a inveja.

Bertrand. RUSSELL, In *Conquista da Felicidade*.

05 (AFA) Da leitura atenta do Texto III, só **não** se pode inferir que:

- (A) o invejoso tem olhos para a falta e não para a plenitude.
 (B) para o invejoso, impingir sofrimentos ao invejado proporciona tanto prazer quanto conquistar o objeto de sua cobiça.
 (C) a inveja pode causar a destruição de seu portador, a menos que ele possua algum talento extraordinário.
 (D) sobrepor à inveja a admiração pode contribuir para sanar essa limitação.

06 (AFA) Observe o período abaixo do Texto III.

“De todas as características que são vulgares na natureza humana a inveja é a mais desgraçada; o invejoso não só deseja provocar o infortúnio e o provoca sempre que o pode fazer impunemente, como também se torna infeliz por causa da sua inveja.”

Marque a afirmativa, a respeito do fragmento acima, que está **incorreta**:

- (A) Os verbos constantes do período (são, é, torna) nos transmitem a ideia de algo em processo, que perdura.
- (B) **Que, sempre que e como também** exercem função de elementos coesivos.
- (C) O fragmento reforça a ideia do seguinte provérbio: “A inveja toma todas as formas para ferir.”
- (D) O período iniciado após o ponto e vírgula (l. 2) explica a afirmativa do período anterior.

07 (AFA) Após a leitura atenta dos três primeiros textos da prova, marque as afirmativas abaixo com (V) verdadeiro ou (F) falso. Em seguida, assinale a opção correspondente:

- () Os três textos apresentam “antídotos” contra a inveja: autoestima, contentamento e admiração ao próximo.
- () O conceito de inveja do Texto III é mais “corrosivo” que o do Texto I.
- () De acordo com os três textos, o invejoso é um infeliz, um derrotado.
- () Conforme o Texto II, abastança e indigência não se situam nas circunstâncias, no concreto. Ao contrário, elas são relativas, subjetivas, pertencem ao terreno do abstrato.
- () O Texto II afirma que cada criatura é artífice de seu próprio estado de espírito.

- (A) V – V – V – F – V.
- (B) V – V – F – V – V.
- (C) V – F – V – V – F.
- (D) F – V – V – F – F.

08 (AFA) Com relação aos Textos I, II e III pode-se afirmar que o Texto:

- (A) I comprova o Texto II.
- (B) II suplementa o Texto I.
- (C) III contradiz o Texto II.
- (D) II exemplifica o Texto III.

09 (AFA) Observe os fragmentos e analise-os.

- I. “eu sei, cê não pôde ser o que sempre quis então não suporta ver ninguém feliz.” (Ultraje a Rigor)
- II. “A inveja é a homenagem que a inferioridade tributa ao mérito.” (provérbio)
- III. “Não só quem nos odeia ou nos inveja Nos limita e oprime; quem nos ama Não menos nos limita.” (Ricardo Reis)

Marque a alternativa correta:

- (A) Em I e II, prevalece a linguagem coloquial.
- (B) I e II apresentam pontos de vista opostos.
- (C) O poema de Ricardo Reis tem sua mensagem centrada na limitação que nos é imposta por quem nos odeia ou inveja.
- (D) A oração “portanto o invejado poderia sentir-se até lisonjeado” completaria adequadamente o fragmento II (provérbio).

Texto IV

- 08 E a multidão, dando gritos, começou a pedir que fizesse como sempre lhes tinha feito.
- 09 E Pilatos lhes respondeu, dizendo: Quereis que vos solte o Rei dos Judeus?
- 10 Porque ele bem sabia que por inveja os principais dos sacerdotes o tinham entregado.
- 11 Mas os principais dos sacerdotes incitaram a multidão para que fosse solto antes Barrabás.
- 12 E Pilatos, respondendo, lhes disse outra vez: Que quereis, pois, que faça daquele a quem chamais Rei dos Judeus?
- 13 E eles tornaram a clamar: Crucifica-o.
- 14 Mas Pilatos lhes disse: Mas que mal fez? E eles cada vez clamavam mais: Crucifica-o.
- 15 Então Pilatos, querendo satisfazer a multidão, soltou-lhe Barrabás e, açoitado Jesus, o entregou para ser crucificado.

(Marcos 15, 8 – 15.)

10 (AFA) “... começou a pedir que fizesse como sempre lhes tinha feito.” O trecho destacado do Texto IV pode ser substituído, sem prejuízo de sentido, por:

- (A) fizesse sempre como havia feito por eles.
- (B) sempre fizesse como tinha feito para eles.
- (C) fizesse como havia sempre feito com eles.
- (D) fizesse como tinha feito sempre para eles.

11 (AFA) Uma das afirmativas abaixo, sobre o Texto IV, está **incorreta**. Assinale-a:

- (A) No versículo 11, a expressão “antes” tem valor semântico semelhante a “preferencialmente”.
- (B) A palavra demagogia pode ser aplicada com bastante precisão à atitude de Pilatos.
- (C) Qualquer uma das palavras a seguir pode substituir “incitaram” (versículo 11): instigaram, estimularam, impeliram, açularam.
- (D) No versículo 9, ficaria também adequada a redação “Quereis que solte-vos o Rei dos Judeus?”

12 (AFA) Só **não** é correto afirmar, em relação ao Texto IV, que:

- (A) o trecho do evangelho de Marcos exemplifica o tipo de inveja apontado no Texto III.
- (B) o trecho “por inveja”, no versículo 10, poderia vir cercado de vírgulas.
- (C) “solto”, no versículo 11, não poderia ser substituído por soltado.
- (D) o trecho “e, açoitado Jesus”, no versículo 15, pode ser substituído por “e tendo açoitado Jesus” sem prejuízo semântico.

Texto V

Romance XXVIII ou da denúncia de Joaquim Silvério

No palácio da Cachoeira,
com pena bem aparada,
começa Joaquim Silvério
a redigir sua carta.
De boca já disse tudo
quanto soube e imaginava.

Ai, que o traiçoeiro invejoso
 junta às ambições a astúcia.
 Vede a pena como enrola
 arabescos de volúpia,
 entre as palavras sinistras
 desta carta de denúncia!

Que letras extravagantes,
 com falsos intuitos de arte!
 Tortos ganchos de malícia,
 grandes borrões de vaidade.
 Quando a aranha estende a teia,
 não se encontra asa que escape.

Vede como está contente,
 pelos horrores escritos,
 esse impostor caloteiro
 que em tremendos labirintos
 prende os homens indefesos
 e beija os pés aos ministros!
 (...)

(No grande espelho do tempo,
 cada vida se retrata:
 os heróis, em seus degredos
 ou mortos em plena praça;
 – os delatores, cobrando
 o preço das suas cartas...

(Cecília Meireles)

13 (AFA) O fragmento de Cecília Meireles (Texto V) revela a denúncia de Joaquim Silvério dos Reis. Relacione as ideias constantes em cada estrofe aos comentários abaixo e, a seguir, assinale a alternativa correta:

- () Felicidade por prestar favores a ministros.
 () Local onde se redigiu a carta.
 () Palavras maliciosas.
 () Cada pessoa exerce um papel na sociedade.
 () Comporta-se como um invejoso.

- (A) 5 – 4 – 2 – 3 – 1.
 (B) 3 – 2 – 1 – 4 – 5.
 (C) 2 – 3 – 4 – 1 – 5.
 (D) 4 – 1 – 3 – 5 – 2.

14 (AFA) “Vede como a pena enrola arabescos de volúpia,”

Os versos retirados do Texto V podem ser reescritos, em termos atuais, sem que haja perda ou alteração de sentido conforme a alternativa:

- (A) Contemplem como a caneta traça rabiscos de prazer.
 (B) Olhem o prazer com que a caneta traça os rabiscos.
 (C) Observem como os rabiscos são prazerosamente escritos.
 (D) Vejam o prazer dos rabiscos traçados pela caneta.

15 (AFA) Analise as afirmativas sobre o Texto V.

- I. Todas as orações que compõem a quarta estrofe do poema têm como sujeito “esse impostor caloteiro”.
- II. Na segunda estrofe “às ambições a astúcia” encontram-se dois complementos verbais.
- III. Esse trecho do Romanceliro da Inconfidência é todo dedicado a descrever o prazer, a volúpia, com que Silvério dos Reis teria escrito a carta de delação do famoso movimento.
- IV. terceira estrofe possui apenas frases nominais, ao passo que na segunda não há uma frase nominal sequer.

Estão corretas somente:

- (A) I, III e IV.
 (B) II, III e IV.
 (C) I, II e III.
 (D) II e III.

16 (AFA) Considerando-se o texto do evangelista Marcos (Texto IV) e o texto de Cecília Meireles (Texto V), pode-se inferir que:

- (A) em ambos os textos, os delatores fizeram suas denúncias movidos por sentimentos que mesclam inveja e ambição.
 (B) o delator é incitado pelos detentores do poder à denúncia oral e escrita, no Texto V.
 (C) em Cecília Meireles, o algoz insinua para os delatores que a pena cabível é a capital.
 (D) em ambos os textos, o resultado da delação é, obrigatoriamente, a morte em praça pública.

TEXTO VI

Não só quem nos odeia ou nos inveja

Não só quem nos odeia ou nos inveja
 Nos limita e oprime; quem nos ama
 Não menos nos limita.
 Que os deuses nos concedam que, despido
 De afetos, tenha a fria liberdade
 Dos píncaros sem nada.
 Quem quer pouco, tem tudo; quem quer nada
 É livre: quem não tem, e não deseja,
 Homem, é igual aos deuses

(Ricardo Reis)

17 (AFA) Da leitura do Texto VI, pode-se inferir que a/o:

- (A) ausência de sentimentos fortes liberta o homem das opressões.
 (B) amor é limitante, porém em menor grau que o ódio e a inveja.
 (C) homem é igual aos deuses na medida em que se liberta da opressão de quem o ama.
 (D) querer pouco e o querer nada constituem a ausência de opressão.

18 (AFA) Considerando o poema de Ricardo Reis, analise as proposições abaixo.

- I. Ricardo Reis, em uma linguagem clássica, remete-nos à ideia de que “a inveja combate sempre a elevação”.
- II. **Píncaros** tem como sinônimo: cume, auge, apogeu e estabelece relação antonímica com **pisotear**.

III. Em “Que os deuses nos concedam que, despido de afetos, tenha a fria liberdade dos píncaros sem nada.”, o autor emprega uma frase optativa diante de uma hipótese... se despido de afetos...

Está(ão) correta(s):

- (A) I, II e III.
- (B) I e II apenas.
- (C) I e III apenas.
- (D) II apenas.

TEXTO VII

Inveja é vaidade

O que chamamos inveja, não é senão vaidade. Continuamente acusamos a injustiça da fortuna (sorte), e a consideramos ainda mais cega do que o amor, na repartição das felicidades. Desejamos o que os outros possuem, porque nos parece, que tudo o que os outros têm, nós o merecíamos melhor; por isso olhamos com desgosto para as cousas alheias, por nos parecer, que deviam ser nossas; que é isto senão vaidade? Não podemos ver luzimento em outrem, porque imaginamos, que só em nós é próprio: cuidamos, que a grandeza só em nós fica sendo natural, e nos mais violenta: o esplendor alheio passa no nosso conceito por desordem do acaso, e por miséria do tempo. Quem diria aos homens, que no mundo há outra cousa mais do que fortuna, e que, nas honras, há predestinação?

(AIRES. Matias, In *Reflexões Sobre a Vaidade dos Homens e Carta Sobre a Fortuna*.)

19 (AFA) Relacione a 2ª coluna à 1ª e, a seguir, assinale a alternativa correta:

- | 1ª coluna | 2ª coluna |
|--------------|---|
| (1) Invejoso | () Possui elevada estima, sente-se vitorioso. |
| | () Sente-se derrotado e infeliz por ser o que é. |
| (2) Invejado | () Deseja provocar infortúnio aos outros. |
| | () Une a ambição à astúcia. |
- (A) 1 – 2 – 2 – 1. (C) 2 – 1 – 1 – 1.
 (B) 1 – 2 – 1 – 2. (D) 2 – 2 – 2 – 1.

20 (AFA) As afirmativas abaixo referem-se à tirinha de Allan Sieber. Assinale-as com (V) verdadeiro ou (F) falso e, em seguida, marque a alternativa correspondente:

- () As expressões faciais dos personagens denotam a impassibilidade e a intolerância típicas da timidez e da inveja respectivamente.
- () O personagem Invejoso é incapaz de compreender a posição física e a situação emocional do personagem Tímido.
- () A ausência de reação apresentada pelo personagem Tímido se deve exclusivamente à agressividade demonstrada pelo Invejoso.
- () O muro de tijolos que separa os dois personagens simboliza a distância e as dificuldades de relacionamento de ambos.



- (A) F – V – V – F.
- (B) F – V – F – V.
- (C) V – F – F – V.
- (D) V – F – V – F.

21 (AFA) Zuenir Ventura em *Inveja – Mal Secreto* escreve:

“A inveja não se manifesta só pelos olhos. Às vezes vemos que uma pessoa está com inveja da gente por uma determinada frase. Ou por um silêncio? Com certeza. A inveja também aparece num gesto, num suspiro, num tom de voz, numa expressão facial.”

Gregório de Matos também se refere a um herói invejado no fragmento:

“Esse despojo, ó Herói sublimado,
 Como de armas te foi, armas te sejam,
 Com teu esforço insigne as tens ganhado,
 No teu escudo eternamente estejam
 Por elas conhecido, e afamado
 Serás entre os Heróis, que mais se invejam,
 Que bem merece ter armas por glória.”

Relacionado os fragmentos acima, assinale a alternativa correta.

- (A) Zuenir Ventura dá ênfase à inveja que é citada por Gregório de Matos.
- (B) Gregório de Matos em tom de exaltação ao seu herói emprega o sentimento da inveja.
- (C) Para Zuenir, a inveja pode ser manifestada em qualquer atitude ou pessoa, até mesmo em um herói barroco.
- (D) Gregório de Matos ilustra a inveja referida por Zuenir Ventura — o herói é um invejoso.

22 (AFA) O escritor Zuenir Ventura em sua obra *Inveja – Mal Secreto* diz que:

“O antídoto contra a inveja está no amor. E você pode extrair o amor da inveja, como tira o soro do veneno da cobra. Todo mundo carrega um pouco desse veneno. A melhor maneira de lidarmos com ele é admitirmos que fomos inoculados.”

A conclusão que se pode tirar desse fragmento é que:

- (A) todos podemos combater a inveja depende apenas de nós.
- (B) antes invejado do que lastimado.
- (C) a inveja “é a admiração da malevolência”.
- (D) a inveja é “a homenagem que a inferioridade tributa ao mérito”.

ANOTAÇÕES

EXERCÍCIOS NÍVEL 1

TEXTO I

Inteligência e linguagem

Não somos dotados apenas de inteligência prática e instrumental, mas também de inteligência teórica e abstrata. Pensamos.

O exercício da inteligência como pensamento é inseparável da linguagem, como já vimos, pois a linguagem é o que nos permite estabelecer relações, concebê-las e compreendê-las. Graças às significações escada e rede, a criança pode pensar nesses objetos e fabricá-los.

A linguagem articula percepções e memórias, percepções e imaginações, oferecendo ao pensamento um fluxo temporal que conserva e interliga as ideias.

(...)

A inteligência humana, como atividade mental e de linguagem, pode ser definida como a capacidade para enfrentar ou colocar diante de si problemas práticos e teóricos, para os quais encontra, elabora ou concebe soluções, seja pela criação de instrumentos práticos (as técnicas), seja pela criação de significações (ideias e conceitos). Caracteriza-se pela flexibilidade, plasticidade e inovação, bem como pela possibilidade de transformar a própria realidade (trabalho, artes, técnicas, ações políticas, etc.). A inteligência se realiza, portanto, como conhecimento e ação.

O conhecimento inteligente apreende o sentido das palavras, interpreta-o, inventa novos sentidos para palavras antigas ou cria novas palavras para novos sentidos. O movimento do conhecer é, pois, um movimento cujo corpo é a linguagem. Graças a ela, compartilhamos com outros os nossos conhecimentos e recebemos de outros os seus conhecimentos.

Comunicação, informação, memória cultural, transmissão, inovação e ruptura: eis o que a linguagem permite à inteligência. Clarificação, organização, ordenamento, análise, interpretação, compreensão, síntese, articulação: eis o que a inteligência oferece à linguagem.

Marilena Chaui

01 (EPCAR) O Texto I só **não** permite inferir que:

- (A) o enriquecimento linguístico potencializa as operações do pensamento.
- (B) as palavras têm o poder de multiplicar-se infinitamente.
- (C) linguagem e conhecimento interagem, alimentam-se, em um rico processo de reciprocidade.
- (D) a inteligência instrumental consegue se expressar através do corpo plástico e flexível que é a linguagem.

02 (EPCAR) Analise as premissas abaixo e, em função da coerência com o Texto I (l. 3 a 5) e da relação lógica estabelecida entre elas, assinale a opção correta:

- I. A linguagem não se separa do exercício da inteligência, se considerada como pensamento.
 - II. A linguagem possibilita o estabelecimento, a concepção e a compreensão de relações.
- (A) I e II estão corretas e II explica I.
 - (B) I e II estão corretas e II não explica I.
 - (C) I está correta e II está incorreta.
 - (D) I está incorreta e II está correta.

TEXTO II

Agora só espero a despalavra: a palavra nascida para o canto – desde os pássaros.
A palavra sem pronúncia, ágrafa.
Quero o som que ainda não deu liga.
Quero o som gotejante das violas de cocho.
A palavra que tenha um aroma cego.
Até antes do murmúrio.
Que fosse nem um risco de voz.
Que só mostrasse a cintilância dos escuros.
A palavra incapaz de ocupar o lugar de uma imagem.
A antesmente verbal: a despalavra mesmo.

(Manoel de Barros)

03 (EPCAR) Assinale a afirmativa **incorreta**, relativa ao Texto II.

- (A) O texto de Manoel de Barros ratifica o pensamento de Marilena Chaui.
- (B) É possível relacionar o poema de Manoel de Barros com o trecho bíblico: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.” (João 1:1)
- (C) Do poema pode-se inferir que, para o poeta, as palavras não são suficientes para alimentar-lhe a fome estética.
- (D) A expressão “cintilância dos escuros” constitui paradoxo.

TEXTO III

Cessa o teu canto.
Cessa, porque enquanto
o ouvi, ouvia
uma outra voz
como que vindo nos interstícios
do brando encanto
com que o teu canto
vinha até nós.
Ouvi-te e ouvi-a
No mesmo tempo
E diferentes
Juntas a cantar.
E a melodia
Que não havia
Se agora a lembro,
Faz-me chorar.

(Fernando Pessoa)

04 (EPCAR) Analise as afirmativas abaixo:

- I. Tanto o falar quanto o escutar são impregnados de subjetividade.
- II. Frequentes vezes, toca-nos mais o que não foi dito, mas foi sugerido, ou simplesmente o que queremos escutar.
- III. Ao eu lírico emocionou o que não foi dito, o que surgiu não se sabe onde, através dos interstícios da canção.
- IV. “E aquele que escuta recebe, pela palavra, o próprio pensamento”. Essa frase de Merleau-Ponty ajusta-se às sugestões do poema de Pessoa.

Assinale a alternativa que contém possíveis inferências a partir do poema (Texto III):

- (A) I, II e III. (C) II, III e IV.
(B) II e IV. (D) II e III.

05 (EPCAR) Observe o verso transcrito do Texto III:

“como que vindo nos *interstícios*”

Marque a alternativa em que o vocábulo destacado pode ser substituído, sem que se altere seu sentido:

- (A) Intervalos. (C) Intercâmbios.
(B) Lugares. (D) Momentos.

Texto IV

Uma grande parte da infelicidade no mundo tem sido causada por confusão e fracasso de se dizer a palavra certa no momento certo. Uma palavra que não é proferida no momento certo é prejudicial, e tem sido sempre assim. Por que é que uma classe da população deveria ter medo de ser honesta com outra? De que é que têm medo?

DOSTOIEVSKI, Fiodor. In *Escritos Ocasionais*. Disponível em: <www.citador.pt/pensar.php?op>. Acesso em: 12 fev. 2006.

06 (EPCAR) De acordo com o Texto IV, assinale as afirmativas abaixo com V (verdadeiro) ou F (falso).

- () Dostoiévski, analisando as infelicidades geradas pela inadequação linguística, acentua a omissão como um grave problema.
() O medo situa-se na gênese dos prejuízos causados pela perda do momento oportuno para proferir uma palavra.
() Honestidade e eficácia linguística são inseparáveis, sendo que a primeira é também garantia para a segunda.
() Domínio linguístico e prudência devem andar juntos para que se exorcize o medo de ser honesto.

A sequência correta é:

- (A) V, V, F, V. (C) V, V, V, F.
(B) V, F, V, F. (D) F, F, V, V.

Texto V

O homem pensa ou sabe melhor do que aquilo que exprime

Cabe-nos a tarefa irrecusável, seriíssima, dia a dia renovada, de – com a máxima imediatividade e adequação possíveis – fazer coincidir a palavra com a coisa sentida, contemplada, pensada, experimentada, imaginada ou produzida pela razão. Que cada um tente fazê-lo. Verificará que é muito mais difícil do que se costuma pensar. Porque para os homens, infelizmente, as palavras são de um modo geral toscos substitutos. Na maior parte das vezes, o homem pensa ou sabe melhor do que aquilo que exprime.

GOETHE, Johann Wolfgang Von. In *Máximas e Reflexões*. Disponível em: <www.citador.pt/pensar.php?op>. Acesso em: 12 fev. 2006.

07 (EPCAR) Com relação ao Texto V, é correto afirmar que:

- (A) ao declarar que as palavras são toscos substitutos da coisa sentida, contemplada..., ele adentra o terreno vislumbrado por Manoel de Barros no Texto II.
(B) o primeiro período do texto de Goethe reafirma os pontos de vista do Texto I e do Texto II.

- (C) para Goethe é inútil tentar fazer com que pensamento e expressão sejam exatos; aquele que tentar fazê-lo enfrentará grande dificuldade.
(D) paradoxalmente, apesar de abordar a insuficiência da palavra, o texto é bastante comunicativo, mesmo sendo sutil e evasivo.

08 (EPCAR) Assinale a opção em que está a principal abordagem temática do Texto V:

- (A) A irrecusável tarefa imediata e adequada do dia a dia.
(B) O ajuste perfeito entre a palavra com o que se quer dizer.
(C) A capacidade de expressão dos homens no seu cotidiano.
(D) O processo de experimentação da palavra falada.

09 (EPCAR) Leia os excertos abaixo:

- I. “Tudo principia pela palavra
Palavra puxa palavra
e vai rompendo o rumo.”
(Guimarães Rosa)
- II. “A linguagem articula percepções e memórias, percepções e imaginações, oferecendo ao pensamento um fluxo temporal que conserva e interliga as ideias.”
(Marilena Chaui)
- III. “A palavra está longe de ser um simples signo dos objetos e das significações. Naquele que fala, a palavra não traduz um pensamento já feito, mas o realiza. E aquele que escuta recebe, pela palavra, o próprio pensamento.”
(Merleau – Ponty)

Assinale a alternativa que melhor analisa os textos acima:

- (A) Os textos I e II complementam-se, pois “romper o rumo” articula percepções e memórias, contradizendo o texto III.
(B) O texto I complementa o texto III, já que “tudo principia” por um pensamento já feito, contrapondo-se, assim, ao texto II.
(C) Os textos I, II e III reforçam a mesma tese de que a palavra realiza o pensamento.
(D) Apesar de os textos comentarem como se processa o ato de expressão, ou seja, a palavra, não possuem elementos que os interliguem.

10 (EPCAR) “Naquele que fala, a palavra não traduz um pensamento já feito, mas o realiza.”

Essa frase encontra perfeita ressonância em um dos textos apontados abaixo. Assinale-o:

- (A) III. (C) IV.
(B) I. (D) V.

11 (EPCAR) Analise os versos de Cecília Meireles:

“Ai palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!...”

Assinale a alternativa que reforça a ideia dos versos acima:

- (A) “A linguagem articula percepções e memórias, percepção e imaginações, oferecendo ao pensamento um fluxo temporal que conserva e interliga as ideias.” (Texto I)
(B) “A palavra incapaz de ocupar o lugar de uma imagem.” (Texto II)
(C) “Na maior parte das vezes, o homem pensa ou sabe melhor do que aquilo que exprime.” (Texto V)
(D) “Quero o som que ainda não deu liga.” (Texto II)

Interpretação de Texto

O gramático

Alto, magro, com os bigodes grisalhos a desabar, como ervas selvagens pela face de um abismo, sobre os cantos da funda boca munida de maus dentes, o professor Arduíno Gonçalves era um desses homens absorvidos completamente pela gramática. Almoçando gramática, jantando gramática, ceando gramática, o mundo não passava, aos seus olhos, de um enorme compêndio gramatical, absurdo que ele justificava repetindo a famosa frase do Evangelho de João:

– No princípio era o VERBO!

Encapado pela gramática, e às voltas, de manhã à noite, com os pronomes, com os adjetivos, com as raízes, com o complicado arsenal que transforma em um mistério a simplicíssima arte de escrever, o ilustre educador não consagrava uma hora sequer às coisas do seu lar. Moça e linda, a esposa pedia-lhe, às vezes, sacudindo-lhe a caspa do paletó esverdeado pelo tempo:

– Arduíno, põe essa gramatiquice de lado. Presta atenção aos teus filhos, à tua casa, à tua mulher! Isso não te põe para diante!

Curvado sobre a grande mesa carregada de livros, o cabelo sem trato a cair, como falripas de aniagem, sobre as orelhas e a cobrir o colarinho da camisa, o notável professor retirava dos ombros a mão cariciosa da mulher, e pedia-lhe, indicando a estante:

– Dá-me dali o Adolfo Coelho.

Ou:

– Apanha, aí, nessa prateleira, o Gonçalves Viana.

Desprezada por esse modo, Dona Ninita não suportou mais o seu destino: deixou o marido com suas gramáticas, com os seus dicionários,

com os seus volumes ponteados de traça, e começou a gozar a vida passeando, dançando e, sobretudo, palestrando com o seu primo Gaudêncio de Miranda, rapaz que não conhecia o padre Antônio Vieira, o João de Barros, o frei Luís de Sousa, o Camões, o padre Manuel Bernardes, mas que sabia, como ninguém, fazer sorrir as mulheres.

– Ele não prefere, a mim, aquela porção de alfarrábios que o rodeiam? Então, que se fique com eles!

E passou a adorar o Gaudêncio, que a encantava com a sua palestra, com o seu bom humor, com as suas gaiatices, nas quais não figuravam, jamais, nem Garcia de Rezende, nem Gomes Eanes de Azurara, nem Rui de Pina, nem Gil Vicente, nem, mesmo, apesar do seu mundanismo, D. Francisco Manuel de Melo.

Assim viviam, o professor, com seus puristas, e D. Ninita com o seu primo, quando, de regresso, um dia, ao lar, o desventurado gramático surpreendeu a mulher nos braços musculosos, mas sem estilo, de Gaudêncio de Miranda. Ao abrir-se a porta, os dois culpados empalideceram, horrorizados. E foi com o pavor no coração que o rapaz se atirou aos pés do esposo traído, pedindo, súplice, de joelhos:

– Me perdoe, professor!

Grave, austero, sereno, duas rugas profundas sulcando a testa ampla, o ilustre educador encarou o patife, trovejando, indignado:

– Corrija o pronome, miserável! Corrija o pronome!

E, entrando no gabinete, começou, cantarolando, a manusear os seus clássicos...

Humberto de Campos

EXERCÍCIOS NÍVEL 1

01 No Evangelho de João, “Verbo” corresponde à pessoa de Jesus Cristo. Ao citar a frase do Evangelho, Arduíno Gonçalves emprega a palavra “VERBO”:

- (A) isolada do contexto evangélico e com significado puramente gramatical.
- (B) no próprio sentido do Evangelho, para justificar o absurdo que era fazer do mundo “um enorme compêndio gramatical”.
- (C) para ressaltar a importância do conhecimento do Evangelho nos estudos gramaticais.
- (D) no sentido de ter sido o verbo a primeira palavra utilizada na comunicação humana.
- (E) referindo-se a ela como a primeira e mais importante classe de palavras enumerada pela gramática normativa.

02 Para o narrador, a arte de escrever:

- (A) é muito simples, desde que sejam abandonados os pronomes, os adjetivos, as raízes, enfim, as normas gramaticais.
- (B) pode transformar-se em um mistério, se não se conhecer o arsenal das normas gramaticais.
- (C) é muito simples, mas a preocupação excessiva com a gramática pode torná-la impenetrável.
- (D) exige preocupação constante com os mistérios que a envolvem, como os pronomes, os adjetivos e as raízes.
- (E) é simplicíssima, quando se consagra um pouco do tempo às coisas do lar.

03 Observe o período: “Assim viviam, o professor, com seus puristas, e D. Ninita com o seu primo...” De acordo com o texto, infere-se que “puristas” são pessoas:

- (A) preconizadoras da linguagem puramente coloquial.
- (B) defensoras das transformações linguísticas.
- (C) defensoras da pureza das tradições familiares.
- (D) preocupadas com a pureza do vernáculo.
- (E) engajadas em uma linguagem puramente brasileira.

04 Leia o fragmento de texto abaixo:

Aprender não significa armazenar todo o estoque de um só golpe. No estudo da língua materna, a criança seleciona as palavras e, para realizar construções “gramaticais”, não aprende todas as frases possíveis, mas as regras de construção; e, conseqüentemente, mesmo que não as perceba, conseguirá construir as seqüências linguísticas.

Slama-Cazacu Psicolinguística aplicada ao ensino de línguas. (adaptado)

Sobre o fragmento anterior, é correto afirmar que a autora defende a ideia de que:

- (A) o falante nativo de uma língua não aprende todas as frases possíveis do idioma, mas, desde criança, mesmo sem se dar conta, compreende as regras de construção das seqüências linguísticas.
- (B) as crianças não conseguem absorver todas as frases da língua materna de uma só vez. Isso só será possível quando adulta, pois, aos poucos, vai armazenando todo o estoque linguístico ao longo de sua vida.

- (C) as sequências linguísticas da língua materna só serão aprendidas plenamente pela criança quando, em sua fase escolar, ela passar a ter contato e compreender as regras formais da língua contidas na Gramática.
- (D) os falantes nativos de qualquer idioma falam perfeitamente sem conhecer as regras de construção gramatical, pois este conhecimento somente será necessário para a utilização da palavra escrita.
- (E) o conhecimento formal da Gramática é que possibilitará ao falante de um idioma as condições plenas de se expressar na língua materna, pois é o estudo gramatical que permite realizar as construções possíveis do idioma.

Texto para a questão 05.

Carolina

Querida, ao pé do leito derradeiro
Em que descansas dessa longa vida,
Aqui venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração do companheiro.

Pulsa-lhe aquele afeto derradeiro
Que, a despeito de toda a humana lida,
Fez a nossa existência apeteçada
E num recanto pôs o mundo inteiro.

Trago-te flores – restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados.

Que eu, se tenho nos olhos malferidos
Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos.

Machado de Assis

05 Nesse poema, é correto afirmar que o eu lírico:

- (A) comenta com um amigo as saudades que sente da amada, que partirá para sempre.
- (B) dirige-se a sua amada, que se encontra muito doente.
- (C) leva flores à amada como um pedido de reconciliação por alguma falta cometida.
- (D) faz uma promessa à beira do túmulo onde jaz a sua amada.
- (E) demonstra saudade e arrependimento por não ter tido tempo de declarar o seu amor.

Texto para a questão 06.

Canção excêntrica

Ando à procura de espaço
para o desenho da vida.
Em números me embaraço
e perco sempre a medida.
Se penso encontrar saída,
em vez de abrir um compasso,
projeto-me num abraço

e gero uma despedida.

Se volto sobre o meu passo,
é já distância perdida.

Meu coração, coisa de aço,
começa a achar um cansaço
esta procura de espaço
para o desenho da vida.

Já por exausta e descrida
não me animo a um breve traço:

- saudosa do que não faço
- do que faço, arrependida.

Cecília Meireles

Vocabulário:

Excêntrico: 1. que (se) desvia ou (se) afasta do centro. 2. indivíduo original, extravagante, esquisito.

Exausta: esgotada.

Descrida: descrente.

06 Nesse poema, a expressão “desenho da vida” significa:

- (A) sentido da existência.
- (B) preservação das conquistas já feitas.
- (C) esboço de formas geométricas.
- (D) retrato de uma paisagem.
- (E) idade da poetisa.

Texto para a questão 07.

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo o Mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.

Continuamente vemos novidades,
Diferentes em tudo da esperança;
Do mal ficam as mágoas na lembrança,
E do bem se algum houve, as saudades.

O tempo cobre o chão de verde manto,
Que já coberto foi de neve fria,
E em mim converte em choro o doce canto.
(...)

Luís Vaz de Camões

07 Na lírica de Camões, o mundo geralmente é dinâmico, sujeito a constantes mudanças. Nesse poema, a passagem do tempo:

- (A) é causa de inevitável sofrimento para as pessoas.
- (B) aparece na natureza como algo imprevisível.
- (C) põe em relevo a visão platônica do amor.
- (D) permite ao homem controlar as mudanças da natureza.
- (E) não atinge o ser humano, pois este é dotado de razão.

Leia o poema abaixo para responder à questão 08:

Soneto

Nasce o Sol, e não dura mais que um dia,
Depois da Luz se segue a noite escura,
Em tristes sombras morre a formosura,
Em contínuas tristezas a alegria.

Porém, se acaba o Sol, por que nascia?
Se é tão formosa a Luz, por que não dura?
Como a beleza assim se transfigura?
Como o gosto da pena assim se fia?

Mas no Sol, e na luz falte a firmeza,
Na formosura se dê constância,
E na alegria sinta-se tristeza.

Começa o mundo enfim pela ignorância,
E tem qualquer dos bens por natureza
A firmeza somente na inconstância.

Gregório de Matos

08 Ainda com referência ao poema anterior, é correto afirmar que o tema central é (são):

- (A) o medo da noite, da escuridão.
- (B) a ignorância do mundo.
- (C) a perda da juventude, da beleza.
- (D) a inconstância dos bens do mundo.
- (E) as alegrias e tristezas do eu lírico.

Leia atentamente o texto abaixo para responder à questão 09, e assinale a alternativa correta.

Letra para valsa romântica

A tarde agoniza
Ao santo acalanto
Da noturna brisa.
E eu, que também morro,
Morro sem consolo,
Se não vens, Elisa!

Gregório de Matos

10 Analisando o fragmento da poesia acima, conclui-se que o agente é a(o):

- (A) cidade.
- (B) terra.
- (C) beleza.
- (D) flor.
- (E) tempo.

Ai nem te humaniza
O pranto que tanto
Nas faces desliza
Do amante que pede
Suplicantemente
Teu amor, Elisa!

Ri, desdenha, pisa!
Meu canto, no entanto,
Mais te diviniza,
Mulher diferente,
Tão indiferente,
Desumana Elisa!

Manuel Bandeira

09 Segundo o poema:

- (A) Elisa não se humaniza porque é divinizada pelo eu lírico.
- (B) a ordem direta dos versos 8, 9 e 10 seria: *Nas faces do amante o pranto que tanto desliza.*
- (C) há apenas dois adjetivos referentes a Elisa.
- (D) Elisa, ante a súplica do eu lírico, reage com menosprezo.
- (E) no quarto verso da primeira estrofe (“E eu, que também morro,”), o vocábulo “também” se justifica pela afirmação do primeiro verso.

Texto para a questão 10.

“Goza, goza da flor da mocidade,
Que o tempo troca, a toda a ligeiriza,
E imprime a cada flor sua pisada.

Oh, não aguardes, que a madura idade
Te converta essa flor, essa beleza,
Em terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada.”

ANOTAÇÕES

Interpretação de Texto

Texto para as questões de 01 a 06.

Se tivessem conhecido o idioma da cidade, poderiam ter perguntado quem fez o homem branco, de onde saiu a força dos automóveis, quem segura os aviões lá no céu, por que os deuses nos negaram o aço.

Mas não conheciam o idioma da cidade. Falavam a velha língua dos antepassados, que não tinham sido pastores nem vivido nas alturas da serra nevada de Santa Marta. Porque antes dos quatro séculos de perseguição e espoliação, os avós dos avós dos avós tinham trabalhado as terras férteis que os netos dos netos dos netos não puderam conhecer nem de vista nem de ouvir falar.

De modo que agora eles não podiam fazer outro comentário que aquele que nascia, em chispas bem humoradas, dos olhos: olhavam essas mãos pequeninas dos homens brancos, mãos de lagartixa, e pensavam: essas mãos não sabem caçar, e pensavam: só podem dar presentes feitos pelos outros.

Estavam parados numa esquina da capital, o chefe e três de seus homens, sem medo. Não os sobressaltava a vertigem do trânsito das máquinas e das pessoas, nem temiam que os edifícios gigantes pudessem cair das nuvens e despencar em cima deles. Acariciavam com a ponta dos dedos seus colares de várias voltas de dentes e sementes, e não se deixavam impressionar pelo barulho das avenidas. Seus corações sentiam pena dos milhões de cidadãos que passavam por cima e por baixo, de costas e de frente e de lado, sobre pernas e sobre rodas, a todo vapor: “Que seria de todos vocês” – perguntavam lentamente seus corações – “se nós não fizessemos o sol sair todos os dias?”

GALEANO, Eduardo. *Vagamundo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975. p. 44-5.

EXERCÍCIOS NÍVEL 1

01 O autor afirma existirem diferenças entre o idioma da cidade e o idioma dos antepassados. Pelo texto, vê-se que essa diferença ocorre no âmbito:

- (A) do código linguístico, do espaço geográfico, da cultura e da tradição, na medida em que as civilizações do texto não só se expressam de forma diferente, como também se relacionam diferentemente com os fenômenos.
- (B) do código linguístico e da região geográfica, já que não há coincidência do espaço habitado pelas civilizações em questão.
- (C) do código linguístico apenas, visto que a população da cidade é composta por homens brancos que não pertencem à raça indígena.
- (D) do código linguístico apenas, uma vez que entre os antepassados indígenas e a civilização da cidade há séculos de diferença.

02 É possível extrair do texto reflexões que esclarecem quanto a alguns objetivos do autor, tais como:

- I. referir-se à fraude, ao roubo violento sofrido pelos índios por parte dos homens brancos, que lhes tomaram as terras férteis;
- II. mostrar que, apesar dos problemas por que passaram, as civilizações indígenas demonstram uma suave e pacífica superioridade em relação à civilização branca;
- III. fazer uma crítica ao modo de viver do homem branco, suas cidades, seu ritmo febril, sua vida alucinante;
- IV. mostrar a ingenuidade do povo indígena que não entende de modo algum a vida, a ciência que faz a tecnologia do homem branco.

Está(ão) correta(s) a(s) afirmativa(s):

- (A) III, apenas.
- (B) IV, apenas.
- (C) I, II e III.
- (D) I, II e IV.

03 A frase “Que seria de todos vocês se nós não fizessemos o sol sair todos os dias?” confirma:

- (A) o fato de os índios julgarem-se arrogantemente superiores ao homem branco como confirma o 4º parágrafo.
- (B) o sentimento de intolerância, de intransigência em relação à frágil vida do homem da cidade.
- (C) a ingenuidade dos índios que, desconhecedores da ciência, julgam-se capazes de controlar a natureza.
- (D) a diferença básica entre o índio e o branco: o índio conhece a natureza e com ela comunga; o homem branco precisa dela, apenas a utiliza para tornar possível a vida na cidade.

04 As características psicológicas dos índios aparecem:

- (A) no 1º parágrafo todo.
- (B) no 2º período do 2º parágrafo.
- (C) nos três primeiros períodos do 4º parágrafo.
- (D) no 4º parágrafo todo.

05 Considerando as figuras de linguagem, pode-se dizer que todo texto é, na verdade, uma grande:

- (A) metáfora.
- (B) antítese.
- (C) metonímia.
- (D) ironia.

06 No verso “Voltamos a viver como há dez anos atrás” há erro com relação à norma culta da língua portuguesa. O erro é de:

- (A) incoerência.
- (B) redundância.
- (C) prolixidade.
- (D) ambiguidade.

Texto para as questões de 07 a 10.

Flagrante

O homem me leva pelo braço para que eu veja o pequeno riacho onde, cinco anos atrás, molhei os pés. O riacho acabou – é agora uma linha enviezada e escura, como a marca que ficou de uma ferida cicatrizada. Lembro-me dele, na última vez, correndo quieto por entre uma grama escura, dando vida a tudo em seu derredor. O sol bebeu-o todo.

As horas vazias e a luta impossível tangem os homens para os botecos, na ponta dos caminhos. E lá ficam eles bebericando a “pura”, cortando fumo de rolo, ou simplesmente cochilando na sombra dos alpendres – vazios, expulsos do tempo e do espaço, derrotados pelo sol. No indefectível anúncio (onipresente como as moscas), a moça de maiô é um sadio refrigerio, estirada sob um sol que não calcina nem fere de morte como o daqui.

Quando um automóvel ou caminhão rompe na estrada de frente, olhos indiferentes se voltam na sua direção – mas a densa poeira amarela já escondendo o veículo e fechou o caminho. Durante um ou dois minutos, o mundo lá fora se fecha por detrás de uma porta fosca. E quando a porta de poeira novamente se abre, os homens do boteco sabem que, além dela, não encontrarão nenhuma surpresa; sabem que, escancarada ao sol, ela conduz apenas ao inferno da caatinga onde os diabos se disfarçam nos mandacarus, e os xiquexiques são almas penadas morrendo de sede sem morrerem nunca.

Joel Silveira

Vocabulário:

tanger: tocar (alimárias) para as estimular na marcha.

indefectível: que não falha, infalível, certo.

refrigério: consolação, alívio, frescor.

calcinar: aquecer em altíssimo grau, abrasar.

07 Analisando a frase “O sol bebeu-o todo” (linha 5), são consideradas corretas as afirmações de qual alternativa?

- I. O pronome oblíquo “o” refere-se ao pequeno riacho que o narrador conheceu.
- II. O autor criou uma imagem poética para falar da seca.
- III. O sol tinha se posto, anoitecia.
- IV. Com a ideia de “sol saciado”, o autor expressa que havia indícios de chuva.

- (A) I, II e IV.
- (B) I e II, apenas.
- (C) I, III e IV.
- (D) I e III apenas.

08 Os homens são tocados para a sombra dos botecos, porque:

- (A) eles gostam de descansar depois de um dia exaustivo de trabalho.
- (B) eles caminharam muito e estão cansados.
- (C) há um inimigo contra o qual é impossível lutar.
- (D) procuram pela moça de maiô, uma mulher sempre, pessoalmente, disposta a distraí-los.

09 Assinale a alternativa que confirma a ideia de que o ambiente da caatinga é um mundo à parte:

- (A) O riacho acabou – é agora uma linha enviezada e escura.
- (B) ... cochilando na sombra dos alpendres – vazios, expulsos do tempo e do espaço, derrotados pelo sol.
- (C) ... a moça de maiô é um sadio refrigério estirada sob um sol que não calcina nem fere como o daqui.
- (D) Os homens do boteco sabem que, além dela, não encontrarão nenhuma surpresa.

10 A ideia que o autor passa é a de que:

- (A) não há perspectiva de vida digna quando o ambiente é hostilizado pela natureza, assolado pela seca.
- (B) há sempre uma esperança de mudança de vida – ideia expressa na imagem do veículo que rompe na estrada poeirenta.
- (C) os mandacarus e os xiquexiques são os diabos da caatinga que também morrem com a seca.
- (D) os homens são fortes e resistentes como os mandacarus e os xiquexiques.

ANOTAÇÕES

Interpretação de Texto

Leia o texto abaixo. Ele servirá de base para se responder às questões de 01 a 10.

Coração roubado

Eu cursava o último ano do primário e como já estava com o diplominha garantido, meu pai me deu um presente muito cobiçado: *O coração*, famoso livro do escritor italiano Edmondo de Amicis, *best-seller* mundial do gênero infante-juvenil. Na página de abertura lá estava a dedicatória do velho, com sua inconfundível letra esparramada. Como todos os garotos da época, apaixonei-me por aquela obra-prima e tanto que a levava ao grupo escolar da Barra Funda para reler trechos no recreio.

Justamente no último dia de aula, o das despedidas, depois da festinha de formatura, voltei para a classe a fim de reunir meus cadernos e objetos escolares, antes do adeus. Mas onde estava *O coração*? Onde? Desaparecera. Tremendo choque. Algum colega na certa o furtara. Não teria coragem de aparecer em casa sem ele. Ia informar à diretoria quando, passando pelas carteiras, vi a lombada do livro, bem escondido sob uma pasta escolar. Mas... era lá que se sentava o Plínio, não era? Plínio, o primeiro da classe em aplicação e comportamento, o exemplo para todos nós. Inclusive o mais limpinho, o mais bem penteadinho, o mais tudo. Confesso, hesitei. Desmascarar um ídolo? Podia ser até que não acreditassem em mim. Muitos invejavam o Plínio. Peguei o exemplar e o guardei em minha pasta. Caladão. Sem revelar a ninguém o acontecido. Lembro do abraço que Plínio me deu à saída. Parecia estar segurando as lágrimas. Balbuciou algumas palavras emocionadas. Mal pude retribuir, meus braços se recusavam a apertar o cínico.

Chegando em casa minha mãe estranhou que eu não estivesse muito feliz. Já preocupado com o ginásio? Não, eu amargava minha primeira decepção. Afinal, Plínio era um colega que devíamos imitar pela vida afora, como costumava dizer a professora. Seria mais difícil sobreviver sem o seu exemplo. Por outro lado, considerava se não errara em não delatá-lo. "Vocês estão todos enganados, e a senhora também, sobre o caráter do Plínio. Ele roubou meu livro. E depois ainda foi me abraçar..."

Curioso, a decepção prolongou-se ao livro de Amicis, verdadeira vitrina de qualidades morais dos alunos de uma classe de escola primária. A história de um ano letivo coroado de belos gestos. Quem sabe o autor não conhecesse a fundo seus próprios personagens. Um ingênuo como a nossa professora. Esqueci-o.

Passados muitos anos reconheci o retrato de Plínio num jornal. Advogado, fazia rápida carreira na Justiça. Recebia cumprimentos. Brrr. Magistrado de futuro o tal que furtara meu presente de fim de ano! Que toldara muito cedo minha crença na humanidade! Decidi falar a verdade. Caso alguém se referisse a ele, o que passou a acontecer, eu garantia que se tratava de um ladrão. Se roubava já no curso primário, imaginem agora... Sempre que o rumo de uma conversa levava às grandes decepções, aos enganos de falsas amizades, eu contava, a quem quisesse ouvir, o episódio do embusteiro do Grupo Escolar Conselheiro Antônio Prado, em breve desembargador ou secretário da Justiça.

- Não piche assim o homem – advertiu-me minha mulher.
- Por que não? É um ladrão!
- Mas quando pegou seu livro era criança.
- O menino é o pai do homem – rebatia vigorosamente.

Plínio fixara-se como um marco para mim. Toda vez que o procedimento de alguém me surpreendia, a face oculta de uma pessoa era revelada, lembrava-me irremediavelmente dele. Limpinho. Penteadinho. E com a mão de gato se apoderando de meu livro.

Certa vez tomaram a sua defesa:

– Plínio, um ladrão? Calúnia! Retire-se da minha presença!

Quando o desembargador Plínio já estava aposentado, mudei-me para meu endereço atual. Durante a mudança alguns livros despencaram de uma estante improvisada. Um deles *O coração*, de Amicis. Saudades. Havia quantos anos não o abria? Quarenta ou mais? Lembrei da dedicatória de meu falecido pai. Ele tinha boa letra. Procurei-a na página de rosto. Não a encontrei. Teria a tinta se apagado? Na página seguinte havia uma dedicatória. Mas não reconheci a caligrafia paterna.

"Ao meu querido filho Plínio, com todo amor e carinho de seu pai."

Marcos Rey

EXERCÍCIOS NÍVEL 1

01 Segundo o texto, pode-se dizer que **não** houve erro de avaliação em:

- (A) "...vi a lombada do livro, bem escondido sob uma pasta escolar."
- (B) "...meus braços se recusavam a abraçar o cínico."
- (C) "Vocês estão todos enganados, e a senhora também, sobre o caráter do Plínio."
- (D) "Magistrado de futuro o tal que furtara meu presente de fim de ano."
- (E) "Plínio, o primeiro da classe em aplicação e comportamento, ..."

02 O mal-entendido presente no texto originou-se porque:

- (A) o narrador, na época, era uma criança.
- (B) o narrador não considerou a possibilidade de existência de um outro livro.
- (C) jamais se poderia pensar que Plínio pudesse roubar o livro.
- (D) o narrador roubou o livro de Plínio.
- (E) o único livro encontrado estava escondido.

03 O que justificaria o fato de o narrador, de imediato, ter pensado em roubo seria:

- (A) ter levado um tremendo choque.
- (B) o livro estar escondido entre os pertences de seu colega.
- (C) o livro ser muito cobiçado pelos garotos da época.
- (D) o livro ter sumido justo no último dia de aula.
- (E) a dúvida em relação ao caráter de Plínio.

04 "Curioso, a decepção prolongou-se ao livro de Amicis, ...". O narrador diz isso porque:

- (A) queria esquecer o que aconteceu, por isso não pegou mais o livro.
- (B) fora Plínio quem, segundo ele, pegara o livro.
- (C) acreditava que Amicis equivocara-se no julgamento moral de seus personagens.
- (D) o livro era uma "verdadeira vitrina de qualidades morais".
- (E) com o passar do tempo, foi deixando de acreditar no autor do livro.

